

A MÚSICA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS



ALEX MONTEIRO DA SILVA

Graduação em Licenciatura de Matemática pela UNG - Universidade de Guarulhos (ano de conclusão: 2008); Especialista em Ensino de Matemática no Ensino Médio pela UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos (ano de conclusão: 2016); Professor de Ensino Fundamental II e Médio de Matemática - na EMEF Ruy Barbosa..

RESUMO

Este estudo busca analisar como a música pode beneficiar o aprendizado no ambiente escolar. Particularmente, investiga-se a relevância da música para o ensino geral e, especificamente, seu papel como ferramenta valiosa no processo de aprendizagem de alunos com autismo. Trata-se de uma revisão bibliográfica onde contou com fontes primárias e secundárias de autores de artigos e livros como Araújo (2009), Teberosky (2000), Costa (2018) além de outros que puderam contribuir para este estudo. Nesse contexto, as dificuldades dentro das escolas com as práticas pedagógicas de Inclusão exigem dos profissionais a busca por capacitação, aprimorando seus conhecimentos para garantir um ambiente de aprendizado, acolhedor e afetivo. Assim, a música e todo seu contexto trabalhado adequadamente se torna elemento essencial nas práticas pedagógicas de inclusão de alunos autistas integrando estes alunos nas turmas e o professor é o agente principal para que isso se torne efetivo.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Educação Inclusiva; Autismo.

INTRODUÇÃO

É notório que a música domina todos os ambientes e na educação não poderia ser diferente. Utilizar a música para fins educacionais é fascinante, porém, existem muitas instituições de ensino que ainda não a aderiram ainda por seus mais variados motivos. O fato é que, a música em favor do ensino e aprendizagem é de grande valia, ainda mais em se tratando de educação inclusiva onde os alunos apresentam maior dificuldade em se desenvolver dentro da sala de aula.

Utilizar a música como instrumento de ensino é algo fantástico para os alunos com defici-

ência, pois isso facilitará a sua aprendizagem significativamente. Nesse sentido, a pergunta que norteou esta pesquisa foi: como a música pode influenciar na educação inclusiva? Levando em consideração as dificuldades ainda encontradas pelos docentes no manejo de recursos midiáticos, a música está cada vez mais presente em ambientes escolares.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem como tema a música como prática pedagógica de inclusão do aluno com autismo. Sabendo da relevância de adotar ferramentas lúdicas para auxiliar no ensino e aprendizagem de alunos em geral, este estudo optou por este tema que, ao tratar do aluno com autismo, será possível identificar os benefícios que a música traz para eles.

Nesse sentido, optou-se pelo objetivo geral de refletir sobre os benefícios que a música oferece ao aluno autista na escola. Quanto aos objetivos específicos, estes foram: conhecer a história da música e sua importância na escola; apresentar as características do transtorno do espectro autista e entender a história da educação inclusiva no Brasil.

Para realizar a presente pesquisa contou-se com autores de livros e artigos acadêmicos como Teberosky (2000), Pinto (2001), Araújo (2009) entre outros que serão referenciados ao final deste.

HISTÓRIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO

A música tem sido uma parte fundamental da cultura humana desde os tempos pré-históricos. De acordo com Teberosky (2000), a música sempre foi uma produção cultural que fazia parte do cotidiano das tribos e bandos primitivos. Isso sugere que a música desempenhava um papel importante na vida dessas comunidades, provavelmente como uma forma de expressão, comunicação, ritual e identidade cultural.

Além disso, a história da música pode ser um recurso valioso para o ensino e aprendizagem, pois permite que os alunos entendam o contexto cultural e histórico em que as diferentes formas musicais se desenvolveram. Teberosky (2000) destaca a importância de considerar a música como uma produção cultural que reflete a diversidade e a riqueza da experiência humana. Ao incorporar a música no ensino e aprendizagem, é possível promover uma educação mais inclusiva, diversa e enriquecedora.

Na cultura egípcia a música também tinha muito valor. Araújo (2009) afirma que os egípcios eram um povo que preservavam a cultura e como parte deste costume, realizavam cerimônias religiosas, na qual as pessoas batiam espécies de discos e paus um contra os outros. Utilizavam ainda, harpas, percussão, diferentes formas de flautas e também cantavam. Os sacerdotes treinavam coros para rituais sagrados e entre os militares já havia o costume de usar trompetes e tambores nas solenidades oficiais. Teberosky (2000) acrescenta que:

A representação musical era feita com letras do alfabeto, formando tetracordes (quatro sons) com essas letras. Foram também os filósofos gregos que criaram a teoria mais elaborada para linguagem musical na Antiguidade. Pitágoras acreditava que a música e a matemática formavam a chave para os segredos do universo (TEBEROSKY, 2000, p. 66).

Durante a maioria da Idade Média, a Igreja Católica desempenhou um importante papel. Ela praticamente ditava as normas sociais, políticas, econômicas e culturais daquele momento. Isso atribuía a ela um grande poder e, como não podia deixar de ser, ela também interferiu na história da música medieval. Com o advento do Renascimento que a música se distanciou das práticas da Igreja (ARAÚJO, 2009).

É nesse período que a emoção humana é demonstrada de forma mais enfática. Frutos ainda do romantismo são as obras do “nacionalismo” musical, na qual diversos compositores buscavam expressar de diversas maneiras os sentimentos e os valores de seu povo. Isso provocou a valorização e o estudo da cultura popular e da tradição folclórica de diversos países, inclusive no Brasil.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Ao longo da história esse preconceito diminuiu, mas ainda se pode vê-lo atualmente. Ganderer (1993) e Sasaki (1997) definem a fase no desenvolvimento do atendimento à pessoa com deficiência por meio de uma perspectiva histórica, sendo a primeira fase, na Idade Média, onde muitas pessoas acreditavam que o fato de uma criança nascer com deficiência estaria ligado ao pecado, ou seja, os pais dessa criança teriam cometido algum tipo de pecado.

Sullivan (2001) ensina que quando a criança era entendida como castigo pela família, esta fazia questão de escondê-la da sociedade para que não se recebessem julgamentos a fim de evitar uma má exposição diante das pessoas. Houve um tempo na Grécia, por volta de 480 a.C., que as crianças que fossem examinadas e apontassem algum indício de caso de deficiência, elas eram atiradas de um penhasco por não serem gerados dentro de um padrão físico e adequados.

Diante disso, Costa (2018) acrescenta que, a criança naquela época era vista como um monstro e não como ser humano, e por isso se teve tanta negligência, tanto abuso de poder sobre elas e tanto preconceito, e este trabalho tratará sobre uma das deficiências que também assim como outras, era motivo desse tipo de maldade.

Amorim (2017) explica que o autismo é caracterizado por déficits na comunicação e na interação social, além de comportamentos repetitivos e áreas restritas de interesse. A relação entre a música e o ensino e aprendizagem também é fundamental. A música pode ser usada como uma ferramenta pedagógica eficaz para promover a criatividade e a expressão artística; desenvolver habilidades cognitivas, como memória e atenção; fomentar a socialização e a cooperação; transmitir valores e tradições culturais e aumentar a motivação e o engajamento dos alunos.

Essa citação destaca a importância da música na educação e sua relação com a cultura e a aprendizagem. Ao considerar a música como uma produção cultural, podemos criar ambientes de aprendizagem mais ricos e inclusivos. Muitas delas ao serem contrariadas, irão se morder der tapas em si mesmas, gritar, entre outros comportamentos repetitivos e agressivos, onde se faz ne-

cessária intervenção imediata de um professor. Orrú (2012) explica que:

Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. (ORRÚ, 2012, p. 19)

Para Zavareze (2009), é possível verificar esses distúrbios no início de vida da criança, notando como é o comportamento dela diante das outras crianças, com a família, com os brinquedos, na escola é preciso observar seu rendimento intelectual, ou seja, todos esses fatores contribuem para um diagnóstico do autismo. Basta que os pais fiquem atentos ao comportamento de seus filhos, pois, um diagnóstico precoce é sempre o melhor que se pode ter para saber se programar e buscar meios que possibilitem e facilite o acesso à inclusão dessa criança.

Hoje, sabe-se que o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, que é definido de um ponto de vista comportamental, que apresenta etiologias múltiplas e que se caracteriza por graus variados de gravidade (ROTTA, 2007, p. 423)

Gonçalves (2013) discorda que a prevalência do autismo esteja associada às relações que a criança estabelece com a mãe e com o meio ao utilizar os chamados mini cérebros os pesquisadores afirmam que a origem está ligada ao DNA da criança, mas apesar de diversos estudos, a sua etiologia ainda é indefinida. É preciso que se tenha um conhecimento mais adequado para conviver com pessoas autistas para saber entender o que se passa e qual a melhor maneira de lidar com ela.

Costa (2018) explica que o autismo deriva do grego: autos, que significa em si mesmo. Essas características foram observadas por Kanner em seu trabalho clínico e foram consideradas diferentes das apresentadas por outras crianças. A partir daí o termo "autismo" começou a ser utilizado para descrever essa condição, que hoje é conhecida como Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O trabalho de Kanner foi fundamental para a compreensão do autismo e sua definição como uma condição distinta. Desde então, a compreensão do autismo evoluiu significativamente, e hoje sabemos que é um transtorno complexo e multifacetado que afeta indivíduos de maneira única. Assunção (2002) diz que a pessoa autista vê o mundo de uma forma bem diferente, de forma mais ingênua, não mente e são pessoas consideradas como anjo azuis porque são totalmente sinceros em relação às pessoas, se gosta ou não de uma pessoa ele vai manifestar. A inclusão escolar da criança com autismo ou com outra deficiência é um direito previsto por lei onde garante a elas professores qualificados e escolas adaptadas, onde tem que estar preparada para oferecer isso a criança.

Para Ganderer (1993) a inclusão é muito importante tanto para a criança que tem o autismo como para as que não têm, e principalmente para o professor que irá acompanhá-la. É importante que a criança já vá para a escola com o seu diagnóstico de autismo, isso evita que problemas possam ocorrer durante o tempo que ela esteja ali. Amorin (2017) diz que quanto mais cedo o diagnóstico for para a criança, melhor será para o seu desenvolvimento. Ao contrário do que muitos acreditam a inclusão não acontece somente na escola, começa dentro de casa. É preciso que os pais estejam atentos a seus filhos, as suas mudanças para que saibam lidar com ela.

COMO A MÚSICA PODE CONTRIBUIR PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Assim como toda ferramenta lúdica, a música oferece inúmeros benefícios para o aluno autista em seu processo de ensino. Guimarães (2003) explica que, a educação inclusiva atualmente, não se restringe apenas a inclusão de crianças e jovens com deficiência, e começou a abranger outros grupos considerados excluídos, como negros, homossexuais. No entanto, o movimento da educação inclusiva foi se tornando mais abrangente onde o problema da escola não consistia somente na inclusão desses grupos considerados excluídos.

Orrú (2012) sustenta que, o movimento educação inclusiva atualmente, trabalha em uma questão de conhecimento e valorização das diferenças. Cabe ressaltar que, ao se falar de diferenças, a diferença não está apenas na pessoa excluída em função de uma norma que a sociedade determina.

Então, a educação inclusiva atual, discute a escola das diferenças e não a escola do diferente. Uma coisa é dizer que a diferença está no outro em função de uma norma, e outra coisa é dizer que a diferença está em cada um dos indivíduos. A diferença faz parte da condição humana.

Beyer (2006) esclarece que, quando se depara com uma escola que somente estabelece uma forma de pensar, hegemônica e somente um modelo de pessoa, está se beneficiando a humanidade. Assim, a educação inclusiva tem essa perspectiva mais ampla, um redimensionamento da organização escolar, no que se refere as disciplinas, ao conhecimento, a concepção de ensino e de aprendizagem.

Assim, conforme Amorim (2017) diz, enquanto a sociedade permanece em uma instituição de ensino de escola tradicional, conservadora e que busca sempre resultados homogêneos, não estará se excluindo apenas as crianças com deficiência e sim, todos aqueles indivíduos que não atendem a aquela norma. Heradão (2014) aborda que, a inclusão é muito importante tanto para a criança que tem deficiência como para as que não têm, e principalmente para o professor que irá acompanhá-la. É importante que a criança já vá para a escola com o seu diagnóstico de algum tipo de deficiência e isso evita que problemas possam ocorrer durante o tempo que ela esteja ali.

Assunção (2002) acrescenta ainda que, não dá para falar em inclusão escolar de crianças com deficiência sem falar em apoio multidisciplinar, que é onde os profissionais entram como médicos, professores, psicólogos, mediadores, fonoaudiólogo, enfim, todos têm que estar envolvidos no processo de desenvolvimento dessa criança, e principalmente a família.

Guimarães (2003) ressalta que, este processo não é fácil, até porque nenhuma criança com deficiência é igual a outra que também tenha a mesma deficiência, da mesma maneira que nenhuma pessoa é igual a outra. Sendo assim, é preciso que estejam preparados todos os profissionais para atender cada criança de acordo com a sua individualidade.

Outra coisa importante para o seu desenvolvimento é a conscientização e a sensibilização de toda a escola, todos precisam saber como é o autismo, porque a escola deve servir de diminuição de preconceito. Para Borges (2016), a escola tem que ser caracterizada como ambiente pe-

dagógico, a criança precisa saber e entender que está indo para a escola para aprender algo novo isso a motiva de querer estar naquele ambiente e querer ficar ali, pois se sentirá bem, confortável e amada.

Ganderer (1993) explica que, quando se fala em conteúdo inclusivo, significa de conteúdo pedagógico certo para aquela criança, aquele conteúdo que irá direcioná-la a um crescimento e desenvolvimento adequado para ela, como a música por exemplo. Enfim, é de conhecimento geral que este processo de inclusão não é fácil, mas também se tem conhecimento que ele já é uma realidade atualmente, apesar de ainda existirem muitas formas de ampliá-lo para acesso de todos.

Beyer (2006) menciona que, a pessoa com deficiência tem uma série de direitos garantidos pela legislação brasileira. O termo "autismo" foi cunhado pelo psiquiatra infantil americano Leo Kanner em 1943, para descrever um grupo de crianças que apresentavam duas características principais: Forte resistência a mudanças e incapacidade de se relacionar com as pessoas, com tendência a se voltar para si mesmas. Guimarães (2003) ressalta que, as instituições de ensino precisam incluir o direito ao acesso à educação, a escolas inclusivas, direito a igualdade e não discriminação. Tais direitos precisam ser revistos e levados mais a sério tendo em vista o fato de ainda existir grandes dúvidas de como os profissionais dessas áreas irão lidar com estas crianças.

O desafio é construir e pôr em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas. Ao contrário pondo em andamento na comunidade escolar, uma conscientização crescente dos direitos de cada um (BEYER 2006, p. 76).

O respeito entre o professor e a criança com deficiência não é diferente do respeito de uma criança normal. Ela saberá e entenderá quando não ouvir alguma negação da vida de uma forma menos agressiva porque foi instruída para isso. Apesar de hoje em dia o assunto estar se expandindo cada vez mais, e preciso ainda que haja muito mais informações para que as pessoas aprendam a respeitar as diferenças e a conviver melhor com elas.

A escola tem um papel muito importante no contato da criança, jovem ou adolescente com a música. Além de apreciá-la, ele precisa compreender que a música é uma expressão artística, mais do que isso, é uma forma de manifestação cultural. Cabe, portanto, aos professores, ensinar e construir instrumentos capazes de se comunicar com a linguagem musical. É preciso demonstrar o que essa linguagem é capaz de comunicar e por que existem tantas diferenças entre os estilos musicais. Assim, os alunos serão capazes de compreender que a música é uma produção humana, e por isso, também é uma forma de arte que deve ser respeitada e apreciada independente do gosto pessoal ou individual.

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. (BRASIL, 1998, p. 45)

A música é muito benéfica para o aluno como um intelecto bem desenvolvido além de ser um dos aprendizados mais agradáveis. A música proporciona para o discente uma melhor coordenação motora, desperta sensibilidade, a criatividade, ajuda-o a se comunicar melhor. Snyders (1994)

diz que a música vem:

Propiciar uma alegria que seja desfrutada no presente nada mais é que a dimensão essencial da pedagogia, mas é necessário que o empenho dos alunos seja estimulado, compensado e recompensado por uma alegria que possa ser vivida no momento presente. (SNYDERS, 1994, p.14)

Assim sendo, um discente que aprende música desenvolve melhor e aprende a se relacionar com os colegas melhor, ou seja, a música proporciona sem dúvida um melhor ensino. Cabe ressaltar que, ter a música na escola como uma disciplina, virou lei, 11.769/08 onde determina a obrigatoriedade da música em todas as escolas tanto na rede pública quanto na rede privada. Desde agosto de 2011, as escolas públicas e particulares são obrigadas a terem música na grade curricular.

Nesse sentido, não resta dúvidas que a música contribui muito para o aprendizado do aluno com autismo. Segundo Costa (2002), para que o cérebro desenvolva todo o seu potencial, são necessários estímulos, agindo diretamente em suas centrais de comunicação. “Na infância, em especial, este conjunto de estímulos proporcionam o desenvolvimento das fibras nervosas capazes de ativar o cérebro e dotá-lo de habilidade” (COSTA, 2002, p. 16).

Dessa forma, Bittencourt (2011) explicam que “a música em sala de aula, como auxílio pedagógico é fundamental”. Pois quanto mais cedo o aluno com autismo iniciar o seu contato com o mundo musical, o desenvolvimento das suas habilidades, motora, afetiva e social vão aflorar, facilitando e ampliando assim o seu conhecimento de mundo.

O contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização. Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos¹¹ etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, p. 48).

Assim sendo, a maneira que a música é trabalhada na escola influencia muito no desenvolvimento do discente com autismo, pois, a música pode vir a contribuir muito para este processo de conhecimento fazendo com que ele se sinta mais seguro, com autoestima mais evidente enfim, esteja mais feliz aprendendo. Nesse sentido, a música está presente em todos os momentos da vida e de acordo com Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI):

A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (BRASIL, 1998, p. 45).

Assim, mesmo antes da criança aprender a falar, ela ao escutar uma música expressa de várias maneiras, dançando, levantando os braços, balançando a cabeça, e isso tudo é muito importante no desenvolvimento da criança.

Essas características foram observadas por Kanner em seu trabalho clínico e foram consideradas diferentes das apresentadas por outras crianças. A partir daí o termo "autismo" começou a ser utilizado para descrever essa condição, que hoje é conhecida como Transtorno do Espectro

Autista (TEA). É importante que os educadores, “valorizem o ato de criação da criança, para que ele seja significativo no seu contexto de desenvolvimento” (OLIVEIRA, BERNARDES e RODRIGUEZ, 1998, p. 104).

A música é, de fato, um produto da ação humana e, como tal, é influenciada pelo contexto histórico, cultural e social em que é criada. A definição tradicional de música, que a considera como uma organização sonora em um espaço de tempo limitado, é uma boa base para entender a música como uma forma de expressão artística.

“A música é som e movimento num sentido lato (seja este ligado à produção musical ou então à dança) e está quase sempre em estreita conexão com outras formas de culturas expressivas” (PINTO, 2001, p. 21). Dessa forma, de acordo com Merriam (2001), a música precisa ser compreendida como:

Um meio de interação social, produzida por especialistas (produtores) para outras pessoas (receptores); o fazer musical é um comportamento aprendido, através do qual sons são organizados, possibilitando uma forma simbólica de comunicação na interrelação entre indivíduo e grupo (MERRIAM, apud PINTO, 2001, p.27).

Assim, a música faz parte da vida de todos os indivíduos mesmo antes de nascer. A música na escola não tem objetivo de formar instrumentistas e sim, fazer com que os alunos aprendam o conteúdo de maneira lúdica. Dessa maneira, o trabalho com música na escola, vem para despertar uma série de habilidades e possibilidades do corpo e da mente dos alunos.

A música oferece além destes benefícios, vários outros como, o aluno ter a oportunidade de criar uma música e aprender a valorizar o trabalho em equipe. No entanto, é verdade que as definições mais amplas de música são mais adequadas para capturar a complexidade e a diversidade da música em diferentes culturas e contextos. Algumas dessas definições mais amplas incluem. Soares (2008, p. 209) diz que a “utilização da música como recurso didático foi uma constante considerávamos inovadora a análise de letras de música, e satisfatória a utilização do método ‘ouvir e interpretar’”.

Dessa forma, a música além de contribuir para o desenvolvimento social do aluno, ela contribui para o desenvolvimento neurológico dele, pois estimula a ativação do circuito cerebral. O indivíduo que vive em contato com a música, aprende a se relacionar melhor com as outras pessoas estabelecendo uma comunicação mais harmoniosa (BITTENCOURT, 2011). A música encanta, dá segurança emocional e confiança, ela tem o dom de aproximar as pessoas e torná-las mais felizes, sensíveis e equilibradas. Todos nascem potencialmente inteligente, a musicalização é benéfica a todo ser humano.

Quando a música é vista como troca de interação, cria-se um intenso vínculo afetivo podendo dizer que música e afeto andam juntos. O potencial criativo que irá ajudar a raciocinar e a entender melhor as dificuldades. Quando estão cantando, os alunos desenvolvem a concentração, memorização, percepção corporal, coordenação motora, principalmente juntamente com o cantar ocorre o desejo de mexer o corpo acompanhando o ritmo e criando novas formas de expressão corporal.

A educação musical ajuda a estruturar o pensamento e a desenvolver as habilidades lingüís-

ticas e matemáticas. Pode, nesse sentido, ser classificado como não locomotor e locomotor. Essas definições mais amplas reconhecem que a música é mais do que apenas uma sequência de sons organizados no tempo. Ela é uma forma de expressão humana que envolve emoções, pensamentos e experiências (SOARES, 2008).

Hall (2016) explica que o aprendizado de música deve ser um ato de desprendimento prazeroso, que comungue com as experiências do discente sem ser uma imposição ou que busque a qualquer custo que ele domine um instrumento, o qual pode minar sua sensibilidade e criatividade.

A LDBEN (Brasil, 1996) instituída como lei nº 9.394, se contemplaria o ensino de artes no seu Art. 26, da seguinte forma: “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma que promova desenvolvimento cultural dos alunos”. A construção de uma metodologia para trabalhar a música na educação infantil já está legalmente aberta.

Em resumo, a música é uma forma complexa e multifacetada de expressão humana que pode ser entendida de diferentes maneiras. As definições mais amplas de música são mais adequadas para capturar essa complexidade e diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades dentro das escolas com as práticas pedagógicas de Inclusão exigem dos profissionais a busca por capacitação, aprimorando seus conhecimentos para garantir um ambiente de aprendizado, acolhedor e afetivo.

Assim, a música e todo seu contexto trabalhado adequadamente se torna elemento essencial nas práticas pedagógicas de inclusão de alunos autistas integrando estes alunos nas turmas e o professor é o agente principal para que isso se torne efetivo.

No que abrange a educação através da música, existem muitas propostas que possibilitam o alcance de resultados de qualidade, no entanto o professor precisa estar preparado, conhecer seus alunos, e práticas pedagógicas musicais que contemplem o aprendizado de todos e assim, possa quebrar barreiras e alcançar uma aprendizagem real.

Contudo, foi possível concluir que a música contribui e muito para o ensino e aprendizagem dos alunos autistas, pois promove a integração e a interação entre os alunos fazendo com que se sintam mais acolhidos, refletindo na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento escolar.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Letícia Calmon Drummond. **O autismo**. Publicado em 2017. Disponível em <http://www.associacaoafeto.com.br/2017/11/17/o-autismo/>. Acesso 10 jan. 2025.

ARAUJO C. **História da música**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Disponível em: <<file:///E:/LIVROS%20PEDAGOGIA/ARTE%20E%20MUSICALIZAÇÃO%20APLICADAS%20À%20EDUCAÇÃO.pdf>>. Acesso 10 jan. 2025.

ASSUNÇÃO, F., Pimentel, A. **Autismo Infantil**, Revista Brasileira de Psiquiatria, BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice. Autismo e educação: reflexões e Bosa. – Porto Alegre: Artemed., 2002.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **Educação Musical: olhando e construindo na Formação e Ação de professores**. Revista da ABEM, Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, nº6, p.41-47, set.2001.

BEYER, H. O. **Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas**. In: BAPTISTA, C. R. (Org.) Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 73-81.

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011

BORGES, R. Ângela M. **COMO A NEUROPSICOPEDAGOGIA APERFEIÇO A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MARABÁ**. III Congresso Paraense de Educação Especial. 2016. Disponível em:<https://cpee.unifesspa.edu.br/images/Anais_2016/Relatos_de_experiencia/Angela_Maria_Rodrigues.pdf>. Acesso 10 jan. 2025.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/conanda/declara.htm>>. Acesso 10 jan. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, v.01 e 02.1998.

CHIARELLI, Lúgia Karina Meneghetti. **A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser**, Revista Recre@rte N°3 junho 2005: Instituto Catarinense de Pós-Graduação.

COSTA, Carla Patrícia da S.G. **A importância do uso de estratégias de mediação pedagógica para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (TEA)**. Publicado em 2018. Disponível em: <http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/viewFile/551/344>. Acesso 10 jan. 2025.

COSTA, S. B. **A importância da música para as crianças**. São Paulo: Abemúsica, 2002.

ELMERICH, Luís. **História da música**. São Paulo: Editora Fermata do Brasil, 1979.

GANDERER, E. Christians. **Autismo, uma atualização para os que atuam na área do especialista aos pais**. Brasília: Corde, 1993.

GONÇALVES, Paula Pais. **O Autismo e a Aprendizagem Escolar**. Publicado em 2013. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/autismo/>. Acesso 10 jan. 2025.

GUIMARÃES, Arthur. **A inclusão que dá certo**. Nova Escola: São Paulo, abril, nº165, Setembro de 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HERMETO, Miriam. **Canção Popular Brasileira e ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Art. 88/89, Art. 9 e Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.

LEI Nº 11.769, DE 18 DE AGOSTO DE 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm. Acesso 10 jan. 2025.

Lei nº 4024, de Dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Publicado em 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l4024.htm > Acesso em Acesso 10 jan. 2025.

MEC/SEF, 1998. BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.** Editora do Brasil.

MELLO, Guiomar Namó de. **Educação escolar brasileira: O que trouxemos do século XX.** Porto Alegre, 2004.

MERRIAM, A. P.1956 "Songs of the Ketu Cult of Bahia, Brazil", *African Music*, vol.1: 53-67, 72-80. [Links]1963 "Songs of the Gege and Jeshu Cults of Bahia, Brazil", *Jahrbuch für musikalische Volks- und Völkerkunde*, vol. 1: 100-35.

NAPOLITANO, Marcos. **A história depois do papel.** In: PINSKI, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, M. S. L.; BERNARDES, M. J.; RODRIGUEZ, M. A. M. **A música na creche.** In: ROSSETI-FERREIRA, M. C. et all (Orgs.). **Os fazeres na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 1998. p. 103-104.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak, 2012.

PINTO, T.O. **Som e música. Revista de Antropologia**, vol. 44 – n. 1. São Paulo, 2001. Disponível em: <file:///E:/LIVROS%20PEDAGOGIA/ARTE%20E%20MUSICALIZAÇÃO%20APLICADAS%20À%20EDUCAÇÃO.pdf>. Acesso 10 jan. 2025.

ROTTA, N. T. **Transtorno de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto alegre: Artmed, 2007.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

SOARES, Olavo Pereira. **A Atividade de ensino de história: processo de formação de professores e alunos**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2008.

SULLIVAN, R. **Deformity: A modern Western with ancient origins**. Proceedings of the Royal College of physicians of Edinburgh.2001.

TEBEROSKY, A. **Aprendendo arte**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <file:///E:/LIVROS%20PEDAGOGIA/ARTE%20E%20MUSICALIZAÇÃO%20APLICADAS%20À%20EDUCAÇÃO.pdf>. Acesso 10 jan. 2025.

TENORIO, Goretti. **O que é autismo, das causas aos sinais e o tratamento**. Publicado em 2018. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/o-que-e-autismo-das-causas-aos-sinais-e-o-tratamento/>. Acesso 10 jan. 2025.

TINHORÃO, José Ramos, 1928. **História social da música popular brasileira**/José Ramos Tinhorão. _ São Paulo: Ed. 34, 1998. 369p.

ZAVAREZE, T.E. **A construção histórico-cultural da deficiência e as dificuldades atuais na promoção da inclusão O portal dos psicólogos**. 2009. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/textos/A0478.pdf. Acesso 10 jan. 2025.